

Dinheiro, saúde e doença

ROBERTO AZAMBUJA

A crise da saúde não será resolvida com mais dinheiro, mas exatamente com menos dinheiro.

Começemos por analisar o próprio termo saúde. Sempre que se fala em saúde argumenta-se com doenças, hospitais, medicamentos, especialistas, exames complementares. Os profissionais da saúde passam a vida a tratar de doenças e a discutir doenças. O Ministério da Saúde está envolvido com pagamentos a hospitais, importação de medicamentos, tratamento de hanseníase, tuberculose, leishmaniose, câncer, hipertensão e outras condições mórbidas. Isso tudo nada tem que ver com saúde, mas com falta de saúde.

Saúde e doença são dois lados opostos da linha da vida. Saúde é o estado natural, que pode ser mantido automaticamente pela inteligência própria do organismo, desde que lhe sejam asseguradas as condições corretas. Doença é o estado contrário, no qual estão perturbados os fatores geradores e mantenedores da vida.

Enquanto os profissionais e os órgãos da saúde estiverem com todo o seu esforço e seus recursos voltados para a doença, não haverá dinheiro que cubra todas as necessidades. Simplesmente porque, ao mesmo tempo que estão tratando de muitas doenças, todo o resto da população está criando mais doenças, basicamente por seis caminhos: alimentação deficiente em nutrientes, sedentarismo, repouso negligenciado, respiração defeituosa, "stress" psicológico e adesão a hábitos destrutivos. Os gastos se multiplicarão indefinidamente e nunca haverá recursos humanos e financeiros, instalações, medicamentos e aparelhos suficientes.

Cinquenta por cento das doenças provêm do estilo de vida e são evitáveis. Vinte por cento são provocados por in-

fluências ambientais e também serão evitáveis, se essas condições forem adequadas. Somando ambos os fatores, 70% das doenças poderiam ser evitados. Apenas 10% das doenças têm como causa falhas na assistência médico-hospitalar e os restantes 20% têm base na biologia humana, como mostrou estudo de Marc Lalonde, no Canadá, publicado em 1974. Uma análise de Thomas McKeown, em 1976, sobre a história das infecções, evidenciou que a saúde dos seres humanos é predominantemente determinada não por intervenção médica, mas pelo estilo de vida, pela alimentação e pela natureza do ambiente em que vivem, conforme cita Fritjof Capra.

Por esses dados se vê que, por muito que se gaste na assistência à doença, o máximo que se conseguirá, e à custa de uma soma incalculável, será de mínima influência na saúde da população como um todo.

Por outro lado, se o Ministério da Saúde e os profissionais do mesmo ramo dedicarem seus esforços a tratar da saúde, as doenças serão evitadas pelo menos em 40 a 50 por cento. Tratar da saúde significa dar atenção ao estado natural do organismo e melhorá-lo a cada dia, e isso não se faz com medicamentos, mas basicamente com orientação sobre alimentação, atividade física, repouso, respiração, aumento da resistência ao "stress" e não adesão a hábitos destrutivos ou abandono deles. Quanto mais se expande a saúde mais se evitam doenças. Isso é prevenção primária de doenças; é como os programas de vacinação e o incentivo ao uso de fotoprotetores e à escovação dos dentes.

Se, por uma ação preventiva do sistema de saúde, todas as pessoas repentinamente, fizessem uma muito simples modificação em sua vida e deixassem de usar tabaco, álcool e drogas e de in-

gerir alimentos com colesterol, quantos casos de bronquite crônica, enfisema pulmonar, câncer, arteriosclerose, acidentes vasculares cerebrais, infarto do miocárdio e acidentes de trânsito, decorrentes exclusivamente desses fatores, seriam evitados? Quanto se economizaria, nos próximos 10 a 20 anos, em consultas, medicamentos, internações, operações, UTI, dias de licença e aposentadoria precoce? Fazer com que as pessoas compreendam o valor, para sua vida, de agir de maneira que atenda as necessidades e os ritmos naturais do corpo seria realmente um cuidado com a saúde e custaria infinitamente menos.

Assim, reafirmamos: a crise da saúde será resolvida com menos dinheiro do que se propala; a crise da doença não será resolvida nem com todo o Orçamento da União.

Para solucionar a saúde, porém, é preciso que as autoridades, os médicos, os professores de Medicina e os outros profissionais da área entendam que não é a saúde que é ausência de doença, mas é a doença que é falta de saúde. É uma mudança de paradigma.

A Medicina, hoje, dedica-se integralmente à doença; seus profissionais, com muito denodo e sacrifício, diariamente recomencem no mesmo ponto do dia anterior: ouvir queixas de doenças e tratar. E a cada dia ficam mais assoberbados com o aumento absurdo do número de casos e a diminuição dos recursos. Quando passarem a se dedicar também, e prioritariamente, à saúde, começarão a colher resultados mais animadores. Só então a necessidade de dinheiro para doenças cairá drasticamente em poucos anos.

■ **Roberto Azambuja** é dermatologista da HUB e atua também em Medicina Integrativa.